

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# Discurso de ódio e discurso de ódio encoberto misóginos

Djuli De Lucca

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13909>

Submetido em: 2025-11-24

Postado em: 2025-11-26 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

# Discurso de ódio e discurso de ódio encoberto misóginos

## Misogynistic hate speech and misogynistic covert hate speech

Djuli Machado De Lucca

Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, Brasil. ORCID:  
<https://orcid.org/0000-0003-4505-0688>

### RESUMO

Esta pesquisa objetiva mapear, a partir da literatura, manifestações de discursos de ódio misóginos contra mulheres, de modo a identificar os aspectos em que se revela a vulnerabilidade das mulheres sob o ponto de vista do discurso de ódio e ódio encoberto. Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratório-descritiva, qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. Os resultados indicam que discurso de ódio e ódio encoberto de origem misógina incluem atribuição de rótulos; insultos e linguagem depreciativa e estereotipização. Manifestam-se por meio de memes, hashtags, slogans, conteúdos de humor, imagens e vídeos montados, além de emojis, como uma forma mais sutil dessa expressão. Conclui-se que pesquisas futuras devem contemplar estratégias de resiliência orientadas para eliminar a estrutura que sustenta a desigualdade de gênero e opressão de mulheres.

### Palavras-chave:

Discurso de ódio, discurso de ódio encoberto, mulher, misoginia

### ABSTRACT

This research aims to map, based on literature, manifestations of misogynistic hate speech against women, in order to identify the aspects in which women's vulnerability is revealed from the point of view of hate speech and covert hatred. This is an exploratory-descriptive, qualitative, bibliographic and documentary research. The results indicate that hate speech and covert hatred of misogynistic origin include labeling; insults and derogatory language; and stereotyping. They manifest themselves through memes, hashtags, slogans, humorous content, edited images and videos, as well as emojis, as a more subtle form of this expression. It concludes that future research should consider resilience strategies aimed at eliminating the structure that sustains gender inequality and the oppression of women.

### Keywords:

Covert Hate Speech, Hate Speech, Woman, Misogyny.

## 1 INTRODUÇÃO

Vulnerabilidade, marginalização, opressão e exclusão social são palavras utilizadas para se referir à condição de subalternidade e predisposição à violência que determinados grupos sociais detêm, em algum período ou outro da história, perante outros grupos sociais dominantes. Isso traz limitações - quando não impede - que tais grupos desfavorecidos desenvolvam-se enquanto seres humanos. A opressão que mulheres sofrem perante homens é um ponto comum na história da humanidade, pelo menos há alguns milhares de anos (Gerda Lerner, 2019).

Essa opressão é fruto do patriarcado, que desfruta uma história longa. Há pelo menos cinco mil anos, mulheres e meninas têm sofrido exploração, submissão e opressão, o que as limita - e até impede - de exercerem plenamente suas potencialidades e de desfrutarem da vida (Lerner, 2019). Nos dias de hoje, não faltam evidências que indicam essa desumanização: mulheres e meninas são negligenciadas, silenciadas, violentadas, assassinadas, invisibilizadas, responsabilizadas, menos remuneradas e escravizadas em razão de terem nascido mulheres.

Movimentos feministas buscaram, nas últimas décadas, reunir mulheres em direção ao alcance de conquistas históricas, como o direito ao voto e ao planejamento familiar, que foram alcançados em alguns países, embora sejam sempre alvo de questionamentos e ameaças de revogação por parte de governos e políticos conservadores. Fenômenos dessa natureza - que estão em ascensão, a julgar pela popularização de movimentos radicais masculinistas como os *redpill* ou *incell* - tornam ainda mais desafiadora a humanização das mulheres, na ocasião em que buscam reafirmar a dominância masculina e aumentar a brecha da desigualdade.

Ataques às mulheres também vêm, nesse período, a partir daquilo que Judith Butler (2021) chama de injúria linguística, que é expressa a partir de discurso de ódio e ódio encoberto - este último manifestado de forma não explícita, cujo efeito potencial de causar dano é o mesmo ou maior. Expressões dessa natureza têm sido proferidas com veemência em todos os ambientes, mas com mais recorrência no ambiente da *web*, cujo aparente anonimato do emissor impulsiona a quantidade de ocorrências (James Banks, 2010).

Estudos científicos em diversas áreas do conhecimento, bem como debates políticos em torno do tema na esfera pública, têm sido realizados para tratar do discurso de ódio e, com menos recorrência, do discurso de ódio encoberto. No entanto, subterfúgios para normalizar discursos de ódio aparecem aos montes:

argumenta-se que a liberdade de expressão é substancial para as sociedades democráticas, uma vez que permite o debate de ideias para chegar a um ponto em comum, e que os benefícios podem superar os potenciais danos para aqueles atingidos pelo discurso de ódio.

Daniel Downs e Gloria Cowan (2012), em pesquisa de campo que buscou avaliar a percepção da importância que a liberdade de expressão que as pessoas atribuem, indicaram que, enquanto homens são mais propensos a valorizar a importância da liberdade de expressão do que as mulheres, por outro lado, mulheres são mais propensas a perceber os danos do discurso de ódio do que os homens. Assim, enquanto não ter liberdade de expressão parece ser uma preocupação maior para os homens, que possuem historicamente poder para fazer com que sua fala seja ouvida, compreendida e aceita, por outro lado as mulheres têm estado mais preocupadas com o potencial dano às vítimas de discurso de ódio, sendo elas próprias alvos recorrentes.

Além disso, há quem manifeste que a bandeira da liberdade de expressão é invocada por vozes antidemocráticas - e inclusive neofascistas - para, por meio da linguagem, solidificar o poder da supremacia branca e masculina na esfera pública (Wendy Brown, 2017). De toda forma, há um misto de elementos culturais, religiosos, legais e culturais que relativizam discurso de ódio (Xin Li, 2024), tornando esse tema de interesse especial para exploração científica.

Nesta pesquisa, objetivamos mapear, a partir da literatura, manifestações de discursos de ódio misóginos contra mulheres, de modo a identificar os aspectos em que se revela a vulnerabilidade das mulheres sob o ponto de vista do discurso de ódio e ódio encoberto. Essa estratégia é parte de um projeto de pesquisa mais amplo, cujo objetivo é levantar habilidades, conhecimentos, atitudes e valores relacionados ao desenvolvimento da Competência em Informação que possam ser capazes de promover a resiliência informacional das mulheres, útil para que elas possam mobilizar capacidades para combater discurso de ódio e discurso de ódio encoberto misógeno.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

De modo geral, esta é uma pesquisa de natureza exploratório-descritiva, qualitativa e, de acordo com os procedimentos de coleta de dados, trata-se de uma

investigação de cunho bibliográfico e documental. Para o atendimento do objetivo, foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados Scopus e Web of Science, a partir das estratégias de busca designadas no Quadro 1, sem delimitação de idioma ou tipologia documental. A estratégia contemplou os termos incluídos no título, resumo e palavras-chave. A busca foi realizada no mês de março do ano de 2025 para os documentos publicados até o ano de 2024.

**Quadro 1 – Resultados do levantamento bibliográfico**

<b>BASE DE DADOS</b>	<b>ESTRATÉGIA</b>	<b>RESULTADOS</b>	<b>RESULTADOS ÚTEIS</b>
Scopus	("soft hate speech" OR "hate speech" ) AND wom*	326	62
	"covert hate speech" AND wom*	1	0
	soft hate speech AND wom*	1	0
Web of Science	("soft hate speech" OR "hate speech" ) AND wom*	237	16
	"covert hate speech" AND wom*	1	0
	soft hate speech AND wom*	1	0

**Fonte:** Dados obtidos na pesquisa (2025).

**#PraTodoMundoVer** O Quadro 1 mostra a relação entre as estratégias de busca, as bases de dados, o total de resultados recuperados e os resultados úteis. Os resultados úteis, 78 ao todo, foram originados a partir de três estratégias de busca: sessenta e dois originados da busca que contemplou descritores em inglês que associam discurso de ódio e mulher na Scopus e dezesseis originados da estratégia que combinou os mesmos termos na Web of Science.

Os resultados recuperados a partir da estratégia foram submetidos ao processo de Análise de Conteúdo (AC) proposto por Laurence Bardin (2016). A autora estabelece que as diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três pólos cronológicos: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Nesses polos, realiza-se o procedimento de análise a partir de três etapas: análise do material (I), codificação (II) e categorização (III).

Nessa investigação, a pré-análise - que se trata de um processo iterativo - envolveu a leitura flutuante dos resumos, títulos, palavras-chave - e, quando necessário, a introdução - de todos os documentos recuperados na estratégia de busca, para a constituição do *corpus*. Aplicando a regra de homogeneidade, consideramos úteis para a análise as investigações conduzidas por meio de pesquisa de campo *com* ou *sobre* mulheres. Considerando o objetivo, a aplicação da regra de pertinência requer que os documentos submetidos à leitura flutuante acenem positivamente para as seguintes questões norteadoras: a) essa investigação

contempla alguma manifestação de discurso de ódio contra mulher(es)? b) esse discurso de ódio é de natureza misógina, isto é, direcionado para atacar a mulher na sua situação de mulher? c) a investigação centraliza-se na análise sobre as expressões ou manifestações?

São excluídos, portanto, da análise, investigações que buscaram explorar outros aspectos do discurso de ódio, utilizando as manifestações como objeto. Assim, não foram consideradas úteis para as etapas de codificação e categorização as pesquisas que buscaram explorar ferramentas de detecção automática de discurso de ódio misógino ou modelos de aprendizagem de máquina (*deep learning*); pesquisas que buscaram explorar discurso de ódio de outra natureza, como o discurso de ódio antissemita ou LGBTQIAPN+; estudos que observam discurso de ódio misógino sob o ponto de vista de criminalização ou legislação; discurso de ódio proferido por mulheres.

A codificação, isto é, a transformação dos dados brutos do texto em representação do conteúdo (Bardin, 2016), deu origem a uma gama de manifestações coletadas que foram reagrupadas em categorias, em razão das características comuns desses elementos. Essas categorias estão apresentadas na seção 3.2.

### **3 DISCURSO DE ÓDIO E DISCURSO DE ÓDIO ENCOBERTO MISÓGINOS**

Discurso de ódio associa dois termos - discurso e ódio - que, por si só, já possuem diferentes conotações, a depender do contexto. Nesse contexto em específico, discurso é compreendido como um conjunto de expressões não somente verbais, mas que podem ser declaradas em formas de símbolos, gestos ou imagens (Caitlin Carlson, 2021) e que são proferidas publicamente (Waldron, 2012). Por sua vez, ódio é designado como insulto, intimidação ou vilipêndio à reputação e dignidade de uma pessoa (Waldron, 2012) a partir de ataques e incitação à violência (Carlson, 2021), em razão das suas características imutáveis (Carlson, 2021) ou do seu pertencimento a um grupo social específico (Waldron, 2012). Discurso de ódio diferencia-se de mensagens ou comportamentos odiosos em geral na medida em que opera para oprimir as pessoas na sua condição de pertencente ao grupo social alvo.

Assim, discurso de ódio consiste no emprego dessas expressões por certos indivíduos ou grupos, que as usam para atacar outras identidades, com o intuito de buscar reafirmar a sua própria percepção de posição de dominância e solidificar seus

sentimentos de pertencimento a um grupo social específico (Carlson, 2021). Seu propósito final é a deslegitimação e, em casos extremos, a eliminação do grupo social que, para os agentes de discurso de ódio, não são dignos de participarem do espaço social: as minorias vulneráveis (Waldron, 2012, p. 48). Vittorio Lingiardi *et al.* (2020) mapearam discursos de ódio direcionados a grupos específicos e possibilitou que conhecêssemos os alvos mais recorrentes: imigrantes, homossexuais, muçulmanos, judeus, pessoas com deficiência e, com mais da metade das ocorrências (60,4% do total), as mulheres. Nesta seção, serão apresentados: a) a condição de opressão das mulheres no contexto do discurso de ódio, e b) as manifestações de discurso de ódio misógino: seus alvos, emissores, características quanto aos ambientes de propagação, formatos, táticas, efeitos e consequências.

### **3.1 Características do discurso de ódio direcionado a mulheres**

Mulheres e meninas são, historicamente, grupos vulneráveis. São consideradas pela ONU como um grupo em situação de vulnerabilidade, em razão da predisposição à violência, ao dano e à exclusão social. Sob o ponto de vista do patriarcado, essa predisposição à violência ocorre, conforme Kate Manne (2018), quando elas não atendem às normas e expectativas patriarcais ou, para além disso, quando buscam desafiá-las.

Considerando o conceito de justiça social proposto por Iris Marion Young (2011) e a situação de dominância masculina, concebemos a opressão como uma condição das mulheres perante os homens, que se revela, conforme a autora, em

[...] processos sociais institucionalizados que inibem a capacidade das pessoas de agir e comunicar-se com outras, ou de expressar seus sentimentos e perspectivas sobre a vida social em contextos nos quais outros possam ouvir (Young, 2011, p. 38, tradução nossa).

Pessoas oprimidas, ainda para a autora, sofrem inibição da sua capacidade de desenvolver-se e exercitar suas capacidades, além de expressar suas necessidades, pensamentos e sentimentos. São cinco categorias em que se expressa a opressão: exploração, marginalização, impotência, imperialismo cultural e violência (Young, 2011), e o discurso de ódio serve para reforçar esses mecanismos por meio de coerção.

Um ponto característico do discurso de ódio revelado por Louise Richardson-Self (2018) é a sua característica misógina e não simplesmente sexista. Misoginia é uma forma de coerção exercida por aqueles que buscam manter o *status quo* do patriarcado, punindo aquelas que ousarem desafiá-lo. É, para Manne (2018, p. 19, tradução nossa) “[...] uma propriedade de ambientes sociais nos quais as mulheres estão sujeitas a enfrentar hostilidade em razão da execução e controle de normas e expectativas patriarcais”. Misoginia, então, serve para impor a subordinação das mulheres e sustentar a dominação masculina, contra o pano de fundo de outros sistemas interseccionais de opressão e vulnerabilidade. Sua raiz é o ódio às mulheres enquanto classe (Manne, 2018), não podendo o discurso de ódio ser confundido com outras formas de injúria, expressas em linguagem ofensiva e vulgar, além de mensagens sexistas.

O discurso de ódio é uma expressão da misoginia (Richardson-Self, 2018). Hoje, está popularizado porque usufrui de um contexto informacional favorável para sua propagação: o ambiente das redes digitais.

O ambiente da *web* já pressupõe uma estrutura de dominação masculina, branca e heterossexual. Essa estrutura, organizada a partir de algoritmos, foi investigada por Safiya Umoja Noble (2018), que identificou que os códigos - que são construídos por homens cisgênero heterossexuais, em sua maioria - revelam estruturas sexistas e racistas. Mecanismos de busca estão programados para mostrarem resultados sexistas e racistas em primeiro lugar, pois são os resultados mais lucrativos para as empresas, cujos CEOs são alinhados a ideologias políticas neoliberais e conservadoras. Para a autora, mesmo quando não estamos numa *filter bubble* racista e misógina, ainda assim racismo e sexismo encontram um jeito de chegar até nós (Noble, 2018).

Inclusive, a nocividade desse ambiente também reside nas *filter bubbles* (filtros-bolha, para o português) ou *echo chambers* (câmaras de eco, para o português), que se revelam nas comunidades e mídias sociais. Nesses ambientes *web*, os usuários conectam-se por interesses semelhantes e, ao isolarem-se no mesmo espaço virtual com pessoas com ideias e visões de mundo similares, fortalecem-se conectando-se aos outros ‘elos’ que foram formados a partir de algoritmos. Isso entusiasma agressores a praticar misoginia por meio de discurso de ódio, o que dá origem, por consequência, a criação de um senso de comunidade onde podem impulsionar-se para propagar ideologias (Luiz Valério Trindade, 2020), muitas

delas em direção ao racismo e ao sexismo e, inclusive, em direção à violência e desumanização de grupos oprimidos.

Além disso, neste ambiente, aos usuários que desejarem alimentar o sistema com mensagens, símbolos ou outras manifestações, está garantido um aparente anonimato, especialmente nos ambientes da *Deep Web*, como *Dark Web*, o que também impulsiona a ocorrência de discurso de ódio.

Além desses dois elementos - anonimidade e invisibilidade - Daniel Kilvington (2021) também enumera outros dois que são impulsionadores para discurso de ódio nesse ambiente: imaginação dissociativa e resposta rápida. Na internet, as pessoas podem experienciar uma dimensão imaginária, separada das exigências e responsabilidades do mundo real, o que facilita a criação de *personas*, onde as pessoas podem evidenciar aspectos ocultos de suas identidades, que são pouco aceitáveis socialmente. Além disso, a dinamicidade desse ambiente pode favorecer a interação irracional, evidenciada quando as pessoas respondem instantaneamente a interações, podendo essas interações - na maioria das vezes irracionais - terem conteúdos odiosos (Kilvington, 2021).

Há, na literatura científica, pesquisadores que se dedicam a explorar uma das manifestações do discurso de ódio, chamada discurso de ódio encoberto - do inglês *soft hate speech* ou *covert hate speech*. Essas manifestações odiosas 'encobertas' (do inglês *covert*) ou 'suavizadas' (do inglês *soft*), podem ser ainda mais nocivas, por inibir mecanismos de reação por parte dos alvos (Claudia Silva; Paula Carvalho, 2023). Discurso de ódio encoberto - geralmente expresso a partir de memes e outras mensagens de humor - pode ajudar a propagar ideias extremistas, ao mesmo tempo em que oculta a agenda política por detrás da mensagem, ganhando a adesão até mesmo daqueles que não são receptivos às suas posições políticas e ideológicas (Schwarzenegger; Wagner, 2018).

De Lucca e Vitorino (2024) mapearam discurso de ódio encoberto e os potenciais alvos, assim como realizaram algumas aproximações à desinformação e Competência em Informação considerando essas manifestações encobertas. Visualizaram, por exemplo, que discurso de ódio encoberto opera primordialmente no nível ilocucionário e perlocucionário - nem sempre tem caráter odioso e violento, mas incita ao ódio e violência ao atuarem em interpretações maldosas de achados científicos, informações distorcidas, teorias da conspiração ou hiperbolização e desproporcionalização de fatos. Travestem-se de humor, ironia e sarcasmo, e

estabelecem rótulos depreciativos às pessoas pertencentes a alguns grupos sociais. Há, ainda, a atribuição de expressões ridicularizatórias (rótulos), criadas com o intuito de serem amplamente utilizadas (De Lucca; Vitorino, 2024).

Nas comunidades abertas da *web*, fora das *filter bubbles*, políticos conservadores e com posições políticas à extrema direita aproveitam-se do alcance e popularização das mídias sociais para impulsionarem suas posições radicais e fazê-las mais aceitáveis para as pessoas (Schwarzenegger; Wagner, 2018). Essa aceitabilidade passiva é fundamental para a manutenção do patriarcado e dos sistemas sustentados por ele. Além disso, a falta de regulamentação da internet e das plataformas ao redor do mundo contribui para a ocorrência de discurso de ódio no ambiente *web*, e as normas culturais por vezes trivializam as ocorrências, dificultando a identificação (Li, 2024).

A reunião de grupos masculinistas em comunidades fechadas na *web* é comum. Estamos nos referindo ao conglomerado de grupos dessa natureza, denominado 'Manosfera', que inclui o grupo *Men's Rights Activists* (MRA), *Pick-up Artists* (PUA) e *Men Going Their Own Way* (MGOW) os quais compartilham a visão de mundo *Red Pill* (Raquel Stijelja; Dafne Mishara, 2023). Ainda, compartilham com outro grupo masculinista - a comunidade *Incel* (do inglês *involuntary celibates* - para o português: celibatários involuntários) e outros grupos com visão de mundo *blackpill* - a crença de que mulheres são, no mundo de hoje, um grupo privilegiado, e propõem a reorganização dessa estrutura, de modo que os homens possam recuperar a posição que, na sua percepção, antes ocupavam.

Essa busca pela reorganização opera também a partir de violência. Inclusive, a relação entre discurso de ódio proferido online e a ocorrência de ataques violentos a membros de grupos-alvo de tais discursos já foi identificada na literatura por Neil Johnson *et al.* (2019). Os autores apresentaram o esquema da ecologia do ódio, indicando que há uma rede complexa de rodovias globais de ódio construídas a partir de conexões bidirecionais entre as plataformas. O principal achado diz respeito à resiliência dessa ecologia: quando há moderação de conteúdo de discurso de ódio em uma plataforma específica, há a adaptação auto-organizada dos membros da rede: estes rapidamente constroem novas pontes entre plataformas independentes, podendo inclusive migrar para comunidades fechadas e indetectáveis, cujo potencial destrutivo é ainda maior (Johnson *et al.*, 2019).

Assim, estratégias de combate ao discurso de ódio precisam ir para além da regulação, alcançando a educação, a informação e a capacitação de todas as pessoas: os emissores, os alvos e toda a comunidade envolvida no espaço. As manifestações identificadas no levantamento bibliográfico, que nos auxiliam a compreender as expressões, estratégias, táticas e efeitos, serão discutidas na próxima subseção.

### 3.2 Manifestações de discurso de ódio misógino

Os achados desta pesquisa parecem indicar que, dentre os alvos mais recorrentes de discurso de ódio misógino, estão as mulheres com presença nos espaços públicos, digitais ou não. São aquelas que desempenham papéis de liderança e formação de opinião pública (Lucia Picarella, 2024), como o ativismo feminista (Tarullo, Calvo; Maria Iranzo-Cabrera, 2024), a comunicação social e jornalismo investigativo (Sandra Miranda, 2023) ou aquelas que ocupam posições cujos estereótipos de gênero determinam como masculinas - como é o caso de jornalistas esportivas (Fatimah Alhayan *et al.*, 2024; Elena Blanco-Castilla; Maria de Jesus Fernández-Torres; Juan Cano-Galindo, 2022), ou atletas de futebol (Carolina Arrieta-Castillo, 2024), incluindo, naturalmente, as mulheres vinculadas à política: explora-se, na literatura, mulheres que ocupam papéis de liderança política, como as que estão à frente de altos cargos políticos, como chefia de estado e ministérios (Patricia Durántez-Stolle, *et al.* 2023; Durántex-Stolle; Gisella Meneguelli; Carme Ferré-Pavia, 2024; Irene Pérez-Tirado; Jure Skubic; Milica Gaber, 2024) ou que estão em campanha ou pleiteando tais cargos (Janishis Beltrán; Paula Walker; René Jara, 2023; Picarella, 2024; Patricia Zamora-Martinez; Patricia Gascón-Vera; Salvador Gómez-García, 2024).

Pode haver, ainda, associação de discurso de ódio misógino à visibilidade das mulheres na esfera social. Blanco-Castilla, Fernández-Torres e Cano-Galindo (2022), investigaram mulheres jornalistas esportivas e identificaram que, quanto maior a visibilidade da jornalista, mais discurso de ódio é recebido.

Os emissores de tais discursos são, evidentemente, homens. No entanto, em alguns mapeamentos aparece também o gênero feminino como emissor. Richardson-Self (2019), por exemplo, quando mapeou discurso de ódio *anti-queer* direcionado a mulheres, identificou que 22% dos emissores tinham o perfil correspondente ao

gênero feminino. Já Blanco-Castilla, Fernández-Torres e Cano-Galindo (2022), que compreenderam discurso de ódio contra mulheres jornalistas esportivas a partir das suas próprias percepções, identificaram que aproximadamente 14% delas declararam ter recebido discurso de ódio de outras mulheres.

Outras características dos emissores também ficaram evidentes nos dados coletados: é o caso da orientação política, posicionada à extrema direita, com perfil conservador (Tarullo; Calvo; Iranzo-Cabrera, 2024). No entanto, Zamora-Martinez, Gascón-Vera e Gómez-García (2024) também identificaram discurso de ódio emitido por grupos à esquerda, além de pertencimento aos grupos denominados 'Manosfera'.

As pesquisas recuperadas nos mostram que o ambiente mais comum para a exploração científica é o ambiente *web* e, em especial, as mídias sociais, que estão organizadas a partir das plataformas mais populares e influentes nesta terceira década do século XXI, como Facebook, o Instagram e o X (Twitter). Há uma recorrência, principalmente nos últimos anos, de explorações sobre discurso de ódio na chamada Manosfera. Diversas investigações recuperadas deram conta de compreender o fenômeno nesse ambiente (Arrieta-Castillo, 2024; Esli Chan, 2022; Charo Lacalle *et al.*, 2024). Apesar de os achados terem evidenciado a centralização dos estudos no ambiente da *web*, Morena Del Mar Moreno Mozos (2023) explorou discurso de ódio de líderes religiosos em cultos.

Não é possível concluir se a predominância do ambiente da *web* para a exploração científica seja em virtude da alta recorrência de discurso de ódio nesse ambiente. Diferentes autores evidenciam que, na *web*, concentra-se discurso de ódio, em virtude dos elementos facilitadores. No entanto, a carência de estudos comparativos entre discurso de ódio *online* e *offline* não permite estabelecermos essa relação.

No que diz respeito ao formato das manifestações, os achados mostram que é comum observar ocorrências de ordem verbal ou textual. No entanto, também foi observado na literatura o discurso de ódio por meio de *memes* (Raquel Martínez-Sanz; Patricia Durántez-Stolle; Iris Simón-Astudillo, 2024; Miranda, 2023) e imagens - como fotografias e cartoons - muitas vezes adulterados (Miranda, 2023). Além disso, fotocollagens criadas para perpetuar uma mensagem específica - como a relação de feministas com o nazismo - também foram observadas (Tarullo; Calvo; Iranzo-Cabrera, 2024). Recursos ainda mais sutis - como os emojis - também foram identificados na literatura (Zamora-Martinez; Gascón-Vera; Gómez-García, 2024).

Parece haver uma adaptação das manifestações à linguagem do veículo de propagação: no caso de discurso de ódio no X (Twitter), há maior recorrência para conteúdo textual curto, enquanto no Instagram há maior uso de imagens, vídeos ou *hiperlinks*, porém usados com menor frequência. Há achados que evidenciam que discurso de ódio a partir de imagens e vídeos leva a um número maior de interações (Durántez-Stolle, *et al.* 2023).

Uma manifestação que apareceu com grande recorrência na literatura diz respeito ao uso de *hashtags* (Beltrán; Walker; Jara, 2023; Durántez-Stolle, *et al.* 2023; Iranzo-Cabrera *et al.*, 2024; Tarullo; Calvo; Iranzo-Cabrera, 2024). De forma geral, a atribuição de *hashtags* nas mensagens postadas nas mídias sociais serve para classificar o conteúdo dessas mensagens. O uso desses recursos é definido por Beltrán, Walker e Jara (2023, p. 2, tradução nossa) como “[...] forma de expressão discreta e intencional de uma mensagem [...]”. Tais recursos são utilizados para que os usuários engajem-se coletivamente em torno de um tópico. No caso específico do discurso de ódio, serve, ainda, como uma estratégia de atribuição de rótulos que, ao transmitirem estereótipos por meio de mensagens simples, também funcionam para o propósito de manipular a opinião pública.

É o caso, por exemplo, do estudo de Tarullo, Calvo e Iranzo-Cabrera (2024), que acompanharam o comportamento da *hashtag* *#feminazis* na plataforma Instagram. Essa *hashtag* é uma tentativa de atribuição de rótulos às mulheres feministas, ao associá-las ao nazismo em virtude da pauta da legalização do aborto - rotulado como feticídio pelos emissores. Para os autores, os movimentos a partir da *hashtag* estão orientados para o debate anti-aborto em países onde há discussões políticas em torno da legalização da interrupção da gravidez. Assim, a intenção da utilização das *hashtags* seria promover um contramovimento, útil para enfraquecer o debate. Maria Iranzo-Cabrera *et al.* (2024), por sua vez, investigaram a atribuição da *hashtag* *#NotMeToo* para descredibilizar o movimento chamado MeToo, que busca o incentivar denúncia dos casos de assédio sexual e estupro, e acolher as vítimas. Neste caso, buscou-se, com o uso da *hashtag*, rotular as mulheres vinculadas ao movimento como manipulativas, mentirosas, dramáticas e violentas (Iranzo-Cabrera *et al.*, 2024; Tarullo; Calvo; Iranzo-Cabrera, 2024). Picarella (2024) identificou outros rótulos por meio de *hashtags*: *#femilocas* (femiloucas, para o português), *#psicópatas* (psicopatas, para o português), *#retrasadas* (retardadas, para o português), dentre outros rótulos depreciativos.

Seja por meio de *hashtags* ou não, a técnica de rotulagem é recorrente nos estudos que buscaram explorar o discurso de ódio e ódio encoberto misógino, sendo utilizada principalmente para reforçar estereótipos e incentivar a violência. O uso de *slogans* foi identificado em uma gama de investigações: '*I love patriarchy*' (eu amo o patriarcado, para o português) e '*Stop Feminazis*' (pare as Feminazis, para o português) (Iranzo-Cabrera *et al.*, 2024); '*gender-craze*' (loucura de gênero ou mania de gênero, para o português) (Erzsébet Barat, 2020).

Trindade (2020) ressalta que discurso de ódio pode ser disfarçado de humor. Conteúdos com teor aparentemente humorístico atingem os alvos sob um subterfúgio de não ter sido propositalmente ofensivo. Além disso, quando desafiados, agressores assumem uma postura de negação, por vezes alegando que estão sendo incompreendidos.

As manifestações de discurso de ódio ocorrem tanto por meio de insultos, linguagem depreciativa ou difamação (Martínez-Sanz; Duránte-Stolle; Simón-Astudillo, 2024). Alessio Cascione *et al.* (2024) identificaram, em sua investigação, discurso de ódio a partir de cinco principais tipos: a) estereotipização e objetificação, que consiste na propagação de uma imagem ou ideia fixa e supersimplificada das mulheres, comumente associada a noções sexistas e restritas da mulher, além da redução da figura da mulher à sua aparência física; b) dominância, utilizada para destacar a superioridade do gênero masculino, evidenciando a desigualdade de gênero; c) desvirtuamento, evidenciado pela justificação masculina ao abuso da mulher, rejeitando a responsabilidade masculina pelas agressões; d) assédio sexual e ameaças de violência, revelada nos pedidos de favores sexuais, assédio sexual e nas ameaças de violência; e) descrédito: menosprezo das mulheres sem maiores intenções. Dentre as classificações, identificaram que discursos de ódio mais expressos - como aquele classificado como assédio sexual - tendem a ser mais recorrentes quando os alvos são políticas e atletas, enquanto discursos de ódio mais racionais, como é o caso do desvirtuamento, é mais comum de ser observado quando os alvos são mulheres intelectuais (Cascione *et al.*, 2024).

As expressões são de toda natureza: há estudos que buscaram caracterizar os comentários injuriosos, identificando que é comum que discursos de ódio se refiram de forma maliciosa ao aspecto físico das mulheres (Alhayan *et al.*, 2024; Iris Luarasi, 2023; Martínez-Sanz; Duránte-Stolle; Simón-Astudillo, 2024), como corpo, peso e aspectos faciais como boca e olhos (Zamora-Martinez; Gascón-Vera; Gómez-García,

2024), sobrepeso e má aparência (Lacalle *et al.*, 2024). A aparência e o vestuário das mulheres são desproporcionalmente examinados e criticados (Luarasi, 2023), e seu comportamento é rotulado como desajeitado e enganoso (Lacalle *et al.*, 2024). Há também discurso de ódio manifestado a partir de críticas à saúde mental e insinuações de uso de substâncias psicoativas, inclusive o vício a substâncias ilegais e, além disso, ataques com conotação sexual (Zamora-Martinez; Gascón-Vera; Gómez-García, 2024).

Além da aparência física e do comportamento, são também tecidas críticas com relação à competência e integridade para pertencer ao cargo que ocupam. Discurso de ódio compreende insultos com relação aos atributos intelectuais, a formação ou preparação geral, além de desprezo à competência delas para exercer a profissão que ocupam, inclusive a integridade (Blanco-Castilla; Fernández-Torres; Cano-Galindo, 2022; Zamora-Martinez; Gascón-Vera; Gómez-García, 2024). Lacalle *et al.* (2024) identificaram ‘animalização’: a atribuição de traços animais às mulheres. Arrieta-Castillo (2024) identificou menosprezo pelo universo feminino ao relacioná-lo de forma infantilizada. Miranda (2023) identificou que mulheres feministas ou fora dos estereótipos de beleza são ridicularizadas por meio de fotos. Indicou, ainda, hipersexualização dos seus corpos e exposição explícita de imagens resultantes de violência física.

Ataques às mulheres também direcionam-se às suas características imutáveis e ao seu pertencimento a grupos sociais específicos. Aqui, cabe frisar que, mesmo que o protocolo de seleção de documentos úteis tenha sido restrito ao considerar oportunas para a construção desse corpus somente as pesquisas que descrevem discurso de ódio estritamente misógino, ainda assim surge de forma expressiva a sua característica interseccional: o discurso de ódio misógino também combina a injúria derivada da opressão sofrida pelas mulheres que acumulam outros marcadores sociais da diferença. Mulheres racializadas, membras de grupos religiosos minoritários e LGBTQIAPN+ parecem, de acordo com os achados, serem mais vulneráveis aos discursos de ódio. Inclusive, emerge vinculada ao discurso de ódio a noção de *misogynoir* (Joseph Kwarteng *et al.*, 2023), que combina misoginia e racismo à mulher preta e parda. Dessa forma, discurso de ódio misógino também se vê atravessado por xenofobia, transfobia, homofobia, racismo e outros tipos de discriminação e violência (Miranda, 2023).

Essas ocorrências identificadas na literatura podem ou não pertencerem a estratégias mais amplas de manutenção do patriarcado, que, combinando uma gama de táticas de controle da opinião pública, também carregam discurso de ódio consigo. Foram identificadas manifestações de discurso de ódio embutidas em formas clássicas de desinformação, como é o caso das tradicionais *Fake News*, que imitam conteúdos jornalísticos (Tarullo; Calvo; Iranzo-Cabrera, 2024). Houve a disseminação de discurso de ódio por meio de *websites* pseudo-informacionais, conectados com ideologias da extrema direita, apresentando uma linha editorial agressiva e sem transparência sobre a autoria da notícia, semelhante ao 'jornalismo do ressentimento' (Iranzo-Cabrera *et al.*, 2024).

Outra forma clássica de desinformação identificada é por meio de fotomontagens. Miranda (2023) identificou discurso de ódio por meio de fotos adulteradas e montagens tiradas de seu contexto original, que estavam direcionadas para sustentar uma narrativa em direção à manutenção do papel tradicional de submissão da mulher na sociedade, sua subordinação aos homens e valores conservadores e patrióticos, além do repúdio a abordagens e movimentos feministas existentes na sociedade. Imagens em movimento, agrupadas em vídeos também foram montadas, gerando um cenário descontextualizado, em direção à promoção de estereótipos que retratam mulheres como manipulativas, mentirosas, dramáticas e violentas (Tarullo; Calvo; Iranzo-Cabrera, 2024).

Tarullo, Calvo e Iranzo-Cabrera (2024), que mapearam a hashtag *#feminazis*, indicaram que o conteúdo da *hashtag* se mostra como um ataque a uma das principais pautas da agenda feminista, que é a legalização do aborto. Nesse cenário, mulheres a favor da legalização do aborto são descritas como assassinas, feticidas e nazistas, sendo estimulado o ódio ao grupo de feministas a partir da criação de montagens fotográficas que ilustram crianças sendo violentadas por mulheres, de modo a rotular mulheres como agressoras e assassinas (Tarullo; Calvo; Iranzo-Cabrera, 2024). Nesse aspecto, observamos a manipulação da opinião pública a partir de estratégias desinformativas, como a comoção e a interpretação.

Outras evidências sustentam o argumento de que as manifestações de discurso de ódio estão vinculadas a uma estratégia de desinformação para a manipulação da opinião pública em torno de um tema, que tende a beneficiar um seletivo grupo social. Uma delas diz respeito ao impulsionamento e engajamento de conteúdos de discurso de ódio misógino de forma não-orgânica, com o uso de contas

falsas para duplicar mensagens com conteúdos idênticos (Durántez-Stolle, *et al.* 2023), denominado de *astroturfing*. Inclusive, muitas contas de usuário nas mídias sociais que estão engajadas na disseminação de conteúdos com discurso de ódio misógino tornam-se inativas após um período de tempo (Tarullo; Calvo; Iranzo-Cabrera, 2024), sugerindo que as contas falsas são utilizadas para estratégias específicas de desinformação.

A manipulação da opinião pública pode ser útil para diferentes propósitos. Um deles, evidenciado nos achados, diz respeito à intimidação de mulheres que exercem liderança política (Picarella, 2024), incluindo chefia de Estado (Meneguelli; Ferré-Pavia, 2023). O *modus operandi* inclui atacar, de modo que elas se sintam ameaçadas e acovardadas da sua participação política. Ainda, pautas da agenda feminista - notadamente a legalização do aborto - são sempre atacadas e distorcidas para gerar resistência das pessoas, de modo a impedir o avanço das ideias no debate social, impedindo que se convertam em conquistas para elas. Mulheres também relatam sentirem-se humilhadas, o que leva a redução na produtividade do trabalho e nos esportes. Isso leva a um impacto na saúde pública (Alhayan *et al.*, 2024).

Conforme Jo Smith (2022), o propósito por trás das manifestações é claro: enviar uma mensagem aos alvos e sua comunidade. Isso serve tanto para aterrorizar e controlar aqueles que compartilham a identidade do alvo e, ainda, reivindicar um território - *online* ou *offline* - como pertencente ao perpetrador e seu grupo. Ainda, reforça as identidades aceitáveis e aquelas não aceitáveis para aquele ambiente (Smith, 2022).

Mulheres que sofrem resistência e hostilidade às suas posições e opiniões tendem a se silenciar: trata-se de uma forma indireta de cercear a liberdade de expressão. José Pablo Salazar-Aguilar, Adriana Orellana e Nasira Alfaro (2024) indicam esse silêncio como escolha delas próprias, como estratégia de refúgio. No entanto, esse silenciamento traz, como consequência, o esvaziamento e recuamento das mulheres no debate político público (Skubic; Gaber, 2024), o que tende a fortalecer a agenda masculinista. Há, por consequência, o enfraquecimento dos direitos das mulheres e o abalo das estruturas democráticas - em suma, o agravamento da opressão e o aumento da desigualdade de gênero.

Além disso, Chan (2022) também alerta para o potencial de discurso de ódio impulsionar a violência física. O estudo desenvolvido pela autora indicou que os comentários odiosos mostraram, nos modelos matemáticos, um alto risco de

extremismo violento, o que indica que o discurso de ódio tem alto potencial para se reproduzir como terrorismo supremacista masculino e extremismo misógino para as mulheres (Chan, 2022), levando à violência física.

Nossos resultados também apontam estratégias de resiliência para o combate ao discurso de ódio e de ódio encoberto, seja por mulheres expostas a esses discursos ou não. Em primeiro lugar, é preciso salientar que a exposição das mulheres ao discurso de ódio representa uma 'faca de dois gumes': mulheres conscientizadas reagem de forma diferente ao discurso de ódio (Jung In Jo; Hyun Jin Choi; Ha Young Shin, 2024). Jo, Choi e Shin (2024) investigaram a exposição de mulheres universitárias da Coreia do Sul aos atos misóginos e indicaram que, para as mulheres que estavam atentas à desigualdade de gênero e aos seus efeitos, quando expostas ao discurso de ódio misógino, estavam mais inclinadas a abandonar a postura silenciosa e reagirem com ativismo digital. Por outro lado, mulheres desatentas às dinâmicas da desigualdade de gênero e que apresentavam um viés político conservador desalinhado ao feminismo tornaram-se espectadoras silenciosas, estando ainda mais vulneráveis ao potencial opressor. Assim, discurso de ódio, em algumas situações, pode ser um impulsionador para o empoderamento e, conseqüentemente, catalisador para engajamento e participação política, ou, ainda, agravar a marginalização das mulheres e intensificar sua condição de opressão (Jo; Choi; Shin, 2024).

Emily Harmer e Karen Lumsden (2019) indicam que a resistência aos discursos de ódio pode ser evidenciada por meio de ativismo feminista. As autoras indicam que a web pode também ser um ambiente em que as mulheres podem compartilhar experiências e desenvolver consciência, de modo a ganhar espaço para desenvolver movimentos na direção da igualdade de gênero. As autoras também identificaram, na literatura, estratégias na direção do ativismo feminista digital: uso de *hashtags* para engajamento e empoderamento, a participação das mulheres em fóruns online para denunciarem casos de assédio, racismo e marginalização, e mobilização digital para reunirem-se em torno de pautas para lutar contra o patriarcado.

Salazar-Aguilar, Orellana e Alfaro (2024) preconizam que o empoderamento das mulheres envolve a capacitação para identificação de situações de violência de todo tipo. Para os autores, é fundamental a identificação das narrativas que podem ser construídas artificialmente, as quais possuem poder de redirecionar o debate

político. Debates de ideias contaminados por narrativas são o ponto de partida da violência digital (Salazar-Aguilar; Orellana; Alfaro, 2024).

Richardson-Self (2019) argumenta em prol de uma estratégia que a autora chama de meta-conscientização epistemológica: para a autora, a libertação das mulheres envolve a libertação de gênero, isto é, a libertação *queer*. A meta-conscientização epistemológica busca superar a dualidade binária, questionando a ideia do que é dito como “normal” pelo patriarcado e destruindo o logos patriarcal.

A educação e o desenvolvimento de competências (midiática, informacional, de gênero, etc.) também foram levantados como estratégias de resiliência (Blanco-Castilla; Fernández-Torres; Cano-Galindo, 2022; Picarella, 2024). Blanco-Castilla, Fernández-Torres e Cano-Galindo (2022) questionaram mulheres sobre estratégias de resistência e os resultados tiveram a educação como foco, de modo a amparar o desenvolvimento de capacidades que envolvem o questionamento e a crítica. Competência em mídia e em gênero podem ser capazes, segundo os autores, de contrastar a passividade e ingenuidade que podem ser experienciadas por mulheres quando se deparam com mensagens dessa natureza, e, no lugar, atuar em direção ao desenvolvimento de uma mentalidade crítica em relação a informações questionáveis, de compreensão das estruturas que direcionam as informações veiculadas na mídia e de uso das mídias sociais de forma responsável (Blanco-Castilla; Fernández-Torres; Cano-Galindo, 2022).

Picarella (2024) preconiza a via da educomunicação (também expressa pela autora como educação midiática), argumentando que essa prática pode favorecer a construção de ecossistemas comunicativos participativos onde se fortaleça a conscientização crítica para formar cidadãos conscientes. A autora manifesta que discurso de ódio produz estigmatização e bloqueio de mulheres tanto em nível individual quanto em nível coletivo, limitando a expressão plena do que se entende por liberdade democrática. Essa educomunicação crítica por meio da Educação Midiática, conforme Picarella (2024), enfatiza “[...] uma práxis significativa de contra-discurso educacional e liberalização contra narrativas instrumentais” (Picarella, 2024, p. 20). O Quadro 2 apresenta uma condensação dos resultados da pesquisa.

**Quadro 2:** Resultado dos processos de codificação e categorização

Categoria	Códigos
-----------	---------

Alvo	políticas (candidatas ou ocupantes de cargos); feministas; formadoras de opinião; atletas de esportes predominantemente masculinos; comunicadoras
Emissor	homens emissores; mulheres emissoras; pessoas extremistas políticas; políticos; masculinistas das comunidades Manosfera (Incel, Redpill, MRAs); líderes religiosos
Ambiente	Instagram; X (Twitter); Manosfera; cultos religiosos
Formato	<i>memes</i> ; <i>hashtags</i> ; slogans; conteúdos de humor; imagens e vídeos montados; emojis
Manifestação	atribuição de rótulos; insultos e linguagem depreciativa; estereotipização
Expressão	aspectos físicos; capacidades cognitivas; animalização; hipersexualização
Tática desinformativa	Fake News; adulteração de imagens; comoção e interpretação; impulsionamento artificial de conteúdo
Propósito	silenciamento; afastamento do espaço político; manutenção da subserviência; exclusão social de gênero; enfraquecimento dos direitos das mulheres
Efeito	fortalecimento do patriarcado e enfraquecimento das mulheres; lenta corrosão da participação política das mulheres; abalo das estruturas democráticas; violência física contra as mulheres e feminicídio
Estratégia de combate/ resiliência	Ativismo digital; Educação; Competência Midiática; Florescimento de consciência para a causa feminista; Criação de coletivos para denunciar opressão; Educomunicação; Empoderamento; Meta-conscientização epistemológica

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

**#PraTodoMundoVer** O quadro, organizado em 11 linhas e duas colunas, apresenta as categorias originadas da análise dos dados, a saber: alvo, emissor, ambiente, formato, manifestação, expressão, tática desinformativa, propósito, efeito e estratégia de combate. Apresenta uma sumarização das manifestações apresentadas na pesquisa.

Em suma, os resultados indicam que discurso de ódio e ódio encoberto de origem misógina incluem - mas não se limitam - a atribuição de rótulos; insultos e linguagem depreciativa; estereotipização, e ocorrem por meio de *memes*; *hashtags*; *slogans*; conteúdos de humor; imagens e vídeos montados, além de emojis, como uma forma mais sutil dessa expressão. Essas manifestações incluem aspectos físicos; capacidades cognitivas; animalização e hipersexualização das mulheres. As táticas de desinformação levantadas incluem *fake news*, adulteração de imagens, comoção e interpretação, e são marcadas pelo seu impulsionamento artificial, de modo a servirem para buscar manipular a opinião pública. O propósito final é o silenciamento, afastamento do espaço político, manutenção da subserviência e enfraquecimento dos direitos das mulheres. Os efeitos incluem o fortalecimento do patriarcado, abalo das estruturas democráticas e violência física e, em casos extremos, feminicídio. Estratégias de resiliência informacional devem contemplar a metaconscientização epistemológica e os letramentos: midiático, informacional, digital, crítico, racial e de gênero, de modo a promover o ativismo - seja ele físico ou digital.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta investigação, o mapeamento das manifestações de discurso de ódio e ódio encoberto contra mulheres nos possibilitou reconhecer a estrutura patriarcal por trás da experiência das mulheres e meninas na sociedade, que extrapola o contexto informacional.

A partir dessa revelação, parece fazer sentido o que Wendy Brown (2017) ponderou certa vez em uma de suas obras: liberdade sem sociedade - que, para a autora, converte-se em regulação - é um mero instrumento de poder, uma licença pessoal desregrada. Enquanto os efeitos psicológicos de discurso de ódio e ódio encoberto são mensurados nas pesquisas - ao menos em aspectos básicos - os efeitos sociais só são revelados se nos despirmos da realidade construída e solidificada há pelo menos cinco mil anos: a opressão das mulheres, é revelada na violência, na invisibilização e na exploração, e provoca um sofrimento do qual homens são historicamente poupados.

Pesquisas futuras devem contemplar estratégias de resiliência nesse contexto, sendo seu desenvolvimento fundamental para a missão de eliminar a estrutura que sustenta a desigualdade de gênero e toda a opressão não só das mulheres, mas dos demais grupos que compartilham a condição de opressão e marginalização. Inclusive, o sucesso de uma estratégia nesse sentido pressupõe, necessariamente, a agregação de todas as pessoas em direção não só à eliminação da estrutura patriarcal, mas sim de todas as estruturas que sustentam a desigualdade e a injustiça social dos vulneráveis e oprimidos.

Além disso, essas estratégias devem ser combinadas com movimentos *top-down*, tais como aqueles estabelecidos por Salazar-Aguilar, Orellana e Alfaro (2024): atualização e aprimoramento de dados dados relacionados à violência de gênero online, promoção de formas facilitadas de denúncia de assédio e violência online; criação de estratégias para contemplar o tema da opressão da mulher para o debate público, de modo a desconstruir a falácia da neutralidade de gênero; desconstruir culturalmente o arcabouço construído que pressupõe a internet como uma esfera pública privatizada (Salazar-Aguilar; Orellana; Alfaro, 2024), dentre outros. Este último aspecto inclui o avanço de legislações e de políticas públicas de transparência e responsabilidade na internet, como é o caso, no Brasil, do PL 2630, que tramita

desde 2020 e, até a finalização deste texto, em meados de 2025, ainda aguarda deliberação, em virtude de resistência de parte dos membros do legislativo - políticos voltados à direita e extrema direita - à sua aprovação.

### **Declaração de contribuição dos autores**

Este artigo é de autoria única.

### **Declaração de conflito de interesse**

A autora declara que não há conflito de interesse.

### **Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa**

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

### **Financiamento:**

Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico (CNPq) - Edital Universal. Processo: 420036/2023-7.

Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) - Programa de Fomento à Pós-Graduação - Bolsas Pós-Doutorado. Processo: 735/2024.

### **Referências**

ALHAYAN Fatimah *et al.* Detection of cy-berhate speech towards female sport in the Arabic Xsphere. *PeerJ Computer Science*, v. 10, e2138, 2024. Disponível em <http://doi.org/10.7717/peerj-cs.2138>. Acesso em 24 jun. 2025.

ARRIETA-CASTILLO, Carolina. Manosfera y fútbol femenino: análisis del discurso misógino en la comunidad virtual del diario Marca. *ICONO 14: Revista Científica de Comunicación y Tecnologías Emergentes*, v. 22, n. 1, e2089, 2024. Disponível em <https://doi.org/10.7195/ri14.v22i1.2089>. Acesso em 24 jun. 2025.

BANKS, James. Regulating Hate Speech Online. *International Review of Law, Computers and Technology*, v. 24, n. 3, p. 233-239, 2010. Disponível em [https://shura.shu.ac.uk/6901/1/Banks\\_regulating\\_hate\\_speech.pdf](https://shura.shu.ac.uk/6901/1/Banks_regulating_hate_speech.pdf). Acesso em: 24 jun. 2025.

BARÁT, Erzsébet. Gender Studies as “Gender Ideology” in right-wing populist political discourse in Hungary. *Baltic Worlds: A scholarly journal and news magazine*, v. 13, n. 1, p. 21-30, jan. 2020. January 2020. Disponível em [https://research.ceu.edu/ws/portalfiles/portal/5357064/Barat-Erzsebet\\_2020.pdf](https://research.ceu.edu/ws/portalfiles/portal/5357064/Barat-Erzsebet_2020.pdf). Acesso em 24 jun. 2025.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELTRÁN, Jarnishis; WALKER, Paula; JARA, René. Hate and Incivilities in Hashtags against Women Candidates in Chile (2021–2022). *Social Sciences*, v. 12, n. 180, p. 1-15, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.3390/socsci12030180>. Acesso em 24 jun. 2025.

BLANCO-CASTILLA, Elena; FERNÁNDEZ-TORRES, Maria-Jesus; CANO-GALINDO, Juan. Disinformation and hate speech toward female sports journalists. *Profesional de la información*, v. 31, n. 6, e310613, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.3145/EPI.2022.NOV.13>. Acesso em 24 jun. 2025.

BROWN, Wendy. *The big picture: defending society*. Nova York: Public Books: the magazine of ideas, arts, and scholarship, 2017. Disponível em <https://www.publicbooks.org/the-big-picture-defending-society-reprint/>. Acesso em 24 jun. 2025.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

CARLSON, Caitlin Ring. *Hate Speech*. Cambridge (Massachusetts): The Massachusetts Institute of Technology (MIT) Press, 2021.

CASCIONE, Alessio *et al.* Women's professions and targeted misogyny online. *In: Italian Conference On Computational Linguistics. Anais[...]*. Italian Conference On Computational Linguistics, Pisa, Itália: CLiC, 2024. Disponível em <https://aclanthology.org/2024.clicit-1.22.pdf> Acesso em 24 jun. 2025.

CHAN, Esli. Technology-Facilitated Gender-Based Violence, Hate Speech, and Terrorism: A Risk Assessment on the Rise of the Incel Rebellion in Canada. *Violence Against Women*, v. 29, n. 9, p. 1687-1718, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1177/10778012221125495>. Acesso em 24 jun. 2025.

DE LUCCA, Djuli Machado; VITORINO, Elizete Vieira. Competência em Informação no contexto do discurso de ódio encoberto. *In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 24., Vitória, ES, 2024. Anais [...]*. Vitória, ES: ANCIB 2024b. Disponível em <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxivenancib/paper/viewFile/2579/1890> Acesso em 24 jun. 2025.

DOWNS, Daniel M.; COWAN, Gloria. Predicting the Importance of Freedom of Speech and the Perceived Harm of Hate Speech. *Journal of Applied Social Psychology*, v. 42, n. 6, p.1353–1375, 2012. Disponível em <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2012.00902.x>. Acesso em 24 jun. 2025.

DURÁNTEZ-STOLLE, Patricia *et al.* "Feminism as a polarizing axis of the political conversation on Twitter: the case of #IreneMonteroDimision". *Profesional de la información*, v. 32, n. 6, e32060, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.3145/epi.2023.nov.07> Acesso em 24 jun. 2025.

HARMER, Emily; LUMSDEN, Karen. Online othering: an introduction. *In: LUMSDEN, K.; HARMER, E. (Eds.). Online Othering: Exploring Digital Violence and*

*Discrimination on the Web*. [S.l]: Palgrave Macmillan, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1007/978-3-030-12633-9>. Acesso em 24 jun. 2025.

IRANZO-CABRERA, Maria. *et al.* Journalists' Ethical Responsibility: Tackling Hate Speech Against Women Politicians in Social Media Through Natural Language Processing Techniques. *Social Science Computer Review*, v. 1, p. 1–28, 2024. Disponível em <https://doi.org/10.1177/08944393241269417>. Acesso em 24 jun. 2025.

JOHNSON, Neil F. *et al.* Hidden resilience and adaptive dynamics of the global online hate ecology. *Nature*, v. 573, n. 1, p. 261–265, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1038/s41586-019-1494-7>. Acesso em 24 jun. 2025.

JO, Jung In; CHOI, Hyun Jin; SHIN, Ha Young. Double-Edged Sword? The Impact of Online Misogyny on Female College Students' Digital Activism in the Post-COVID-19 Era. *Violence Against Women*, 2024. Disponível em <https://doi.org/10.1177/10778012241254858>. Acesso em 24 jun. 2025.

KILVINGTON, Daniel. The virtual stages of hate: Using Goffman's work to conceptualise the motivations for online hate. *Media, culture and Society*, v. 42, n. 2, p. 256-272, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0163443720972318>. Acesso em 24 jun. 2025.

KWARTENG, Joseph. *et al.* Annotators' Perspectives: Exploring the Influence of Identity on Interpreting Misogynoir. In: Proceedings Of The 2023 IEEE/ACM International Conference On Advances In Social Networks Analysis And Mining, 2024, New York. *Anais [...]*. New York, NY, USA: Association for Computing Machinery, 2024. Disponível em <https://doi.org/10.1145/3625007.3627292>. Acesso em 24 jun. 2025.

LACALLE, Charo *et al.* Seals', 'bitches', 'vixens', and other zoomorphic insults: the animalisation of women as an expression of misogyny in the Spanish Manosphere. *Cogent Arts & Humanities*, v. 11, n. 1, p. 2298056, 2024. Disponível em <https://doi.org/10.1080/23311983.2023.2298056>. Acesso em 24 jun. 2025.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

LI, Xin. Hate speech against women on social media: Case study analysis in Asia. *Environment and Social Psychology*, v. 9, n. 12, p. 3220, 2024. Disponível em <https://doi.org/10.59429/esp.v9i12.3220>. Acesso em 24 jun. 2025.

LINGIARDI, Vittorio. *et al.* Mapping Twitter hate speech towards social and sexual minorities: a lexicon-based approach to semantic content analysis. *Behaviour & Information Technology*, v. 39, n. 7, p. 711-721, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1080/0144929X.2019.1607903>. Acesso em 24 jun. 2025.

LUARASI, Iris. Quantifying sexism and hate speech: a comprehensive analysis of Albanian online media. *Journal of Educational and Social Research*, v. 13, n. 6, p.

119, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.36941/jesr-2023-0152>. Acesso em 24 jun. 2025.

MANNE, Kate. *Down girl: the logic of misogyny*. New York: Oxford University Press, 2018.

MARTÍNEZ-SANZ, Raquel; DURÁNTEZ-STOLLE, Patricia; SIMÓN-ASTUDILLO, Iris. Los memes como discurso de odio Violencia, humor y crítica en torno a la imagen de Irene Montero. *Revista Internacional de Cultura Visual*, v. 16, n. 2, p. 1-16, 2024. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9456640>. Acesso em 24 jun. 2025.

MENEGUELLI, Gisella; FERRÉ-PAVIA, Carme. El discurso de odio contra Dilma Rousseff desde la perspectiva semiolingüística. *Revista Estudos Feministas*, v. 32, n. 1, e87865, 2024. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2024v32n187865>. Acesso em 24 jun. 2025.

MIRANDA, Sandra L. Analyzing Hate Speech Against Women on Instagram. *Open Information Science*, v. 7, n. 1, 20220161, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.1515/opis-2022-0161>. Acesso em 24 jun. 2025.

MORENO MOZOS, Morena Del Mar. El discurso de odio por razón de género en los pronunciamientos públicos de jefes religiosos. *Revista de Derecho Político*, n. 118, p. 229-260, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.5944/rdp.118.2023.39104>. Acesso em 24 jun. 2025.

NOBLE, Safiya Umoja. *Algorithms of oppression: how search engines reinforce racism*. New York: New York University Press, 2018.

PICARELLA, Lucia. Democratic Culture and Digital Ecosystems: Women's Political Participation in Latin America. *Journal of Liberty and International Affairs*, v. 10, n. 3, 2024. Disponível em <https://doi.org/10.47305/JLIA24103014p>. Acesso em 24 jun. 2025.

RICHARDSON-SELF, Louise. Woman-Hating: On Misogyny, Sexism, and Hate Speech. *Hypatia: a journal of feminist philosophy*, v. 33, n. 2, p. 256-272, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1111/hypa.12398>. Acesso em 24 jun. 2025.

RICHARDSON-SELF, Louise. Cis-s-Hetero-Misogyny Online. *Ethical Theory and Moral Practice*, v. 22, n. 1, p. 573-587, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1007/s10677-019-10019-5>. Acesso em 24 jun. 2025.

SALAZAR-AGUILAR, José Pablo; ORELLANA ORELLANA, Adriana; CASTILLO, Nazira A. Violencia política digital contra las mujeres en Costa Rica (2022-2023). Propuesta para una contra narrativa al modelo dominante. *ICONO 14: Revista Científica De comunicación Y Tecnologías Emergentes*, v. 22, n. 2, e2087, 2024. Disponível em <https://doi.org/10.7195/ri14.v22i2.2087>. Acesso em 24 jun. 2025.

SCHWARZENEGGER, Christian; WAGNER, Anna. Can it be hate if it is fun? Discursive ensembles of hatred and laughter in extreme right satire on Facebook.

*Studies in Communication and Media*, v. 7, n. 4, p. 473-498, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.5771/2192-4007-2018-4-473>. Acesso em 13 jul. 2025.

SILVA, Claudia; CARVALHO, Paula. Quando é que os elogios e o humor podem ser considerados discurso de ódio? Uma perspectiva dos grupos-alvo em Portugal. *Comunicação e sociedade*, v. 43, e023006, 2023. Disponível em [https://doi.org/10.17231/comsoc.43\(2023\).4135](https://doi.org/10.17231/comsoc.43(2023).4135). Acesso em 24 jun. 2025.

SKUBIC, Jure; GABER, Milica. A. Violence Against Women In Politics On The X Social Network: A New Way Of Expressing The Old Forms Of Violence? *Prispevki za novejšo zgodovino*, v. 64, n. 3, p. 266-301, 2024. Disponível em <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=1332880>. Acesso em 24 jun. 2025.

SMITH, Jo. Bystander Experiences of Online Gendered Hate. In: POWELL, A.; FLYNN, A.; SUGIURA, L. (Eds.) *The Palgrave Handbook of Gendered Violence and Technology*. Cham: Palgrave Macmillan, 2021. Disponível em [https://doi.org/10.1007/978-3-030-83734-1\\_20](https://doi.org/10.1007/978-3-030-83734-1_20). Acesso em 24 jun. 2025.

STIJELJA, Stefan; MISHARA, Brian L. Characteristics of Incel Forum Users: Social Network Analysis and Chronological Posting Patterns. *Studies in Conflict & Terrorism*, v. 1, n. 1, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.1080/1057610X.2023.2208892>. Acesso em 24 jun. 2025.

TARULLO, Raquel; CALVO, Dafne; IRANZO-CABRERA, Maria. #Feminazis on Instagram: Hate Speech and Misinformation, the Ongoing Discourse for Enlarging the Manosphere. *KOME – An International Journal of Pure Communication Inquiry*, v. 12, n. 2, p. 91–110, 2024. Disponível em DOI: 10.17646/KOME.of.18. Acesso em 24 jun. 2025.

TRINDADE, Luiz Valério P. Disparagement humour and gendered racism on social media in Brazil. *Ethnic and racial studies*, v. 43, n. 15, p. 2766-2784, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1080/01419870.2019.1689278>. Acesso em 24 jun. 2025.

WALDRON, Jeremy. *The harm in hate speech*. Cambridge: Harvard University Press, 2012.

YOUNG, Iris Marion. *Justice and the Politics of difference*. 2. ed. Princetown: Princetown University Press, 2011.

ZAMORA-MARTÍNEZ, Patricia; GASCÓN-VERA, Patricia; GÓMEZ-GARCIA, Salvador. El discurso de odio hacia las candidatas a la Comunidad de Madrid 2023, sesgo de género y virulencia. *ICONO 14: Revista Científica de Comunicación y Tecnologías Emergentes*, v. 22, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.7195/ri14.v22i1.2079>. Acesso em 24 jun. 2025.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.